



GT – 5: Crise e crítica: a urbanização contemporânea e os limites da reprodução social

CRIANÇAS E SUAS EXPERIÊNCIAS URBANAS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL PELA GEOGRAFIA DA INFÂNCIA

Autor¹: Danielle Silva Yabuki

Filiação institucional: Universidade Estadual Paulista – UNESP campus Presidente Prudente

E-mail: silva.yabuki@unesp.br

RESUMO: Considerando o campo da Geografia da Infância a partir da investigação com crianças moradoras de Presidente Prudente-SP, este artigo teve como objetivo demonstrar como distintas condições sociais e espaciais formam diferentes modos de leitura da cidade, o que conflui com as possibilidades de exercício da autonomia na produção e apropriação do espaço urbano, autonomia esta que é também representativa da capacidade de empregar e expressar conhecimento tácito, mas, conjuntamente, reflexivo sobre o Espaço e sobre a Produção do Espaço.

Palavras-chave: Geografia da Infância, Experiência Urbana, Diferenciação Socioespacial.

¹ Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Arthur Magon Whitacker, Universidade Estadual Paulista – UNESP campus Presidente Prudente.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado que foram motivadas por inquietações construídas desde a iniciação científica a respeito da experiência urbana como uma ferramenta de aprendizagem e de apreensão do espaço urbano. Inicialmente, um ponto destacável desta pesquisa são os próprios sujeitos. A Geografia das Crianças e a Geografia das Infâncias traz a reflexão e visibilidade a concepção de que as crianças são, na verdade, sujeitos protagonistas de suas próprias espacialidades, construtoras de diferentes arranjos culturais e conteúdos simbólicos, de modo que elas se apropriam, reorganizando o espaço a elas destinado ou apropriado, criando maneiras de experienciar suas próprias histórias e geografias (Lopes, 2008).

Nesse sentido, buscamos abordar neste texto as pluralidades de infâncias que compõem a Geografia da Infância, considerando um quadro de diferenciação e desigualdade entre as condições e acessos que se desdobram na experiência urbana de crianças moradoras de *habitats* populares e de *habitats* de classe média e elite do município de Presidente Prudente-SP. Queremos demonstrar como as práticas espaciais condicionam a construção das representações espaciais e a noção de autonomia urbana frente a valores e ensinamentos aprendidos na vida na cidade.

O trabalho de investigação das experiências urbanas teve alguns elementos centrais, como a entrevista semiestruturada e a avaliação de percursos urbanos, assim, as práticas espaciais foram apreendidas considerando-se a condição espacial dos sujeitos escolares e sua mobilidade à escola, seus espaços de frequência e as representações do espaço que edificaram, representações essas avaliadas desde as entrevistas e construções cartográficas.

Portanto, considerando as crianças pesquisadas como estudantes, a apreensão dos percursos casa-escola mostrou-se um ponto a ser avaliado. Outro elemento relevante as nossas análises foi a condição espacial das crianças, que era distinta do ponto de vista: da localização absoluta das residências na cidade; e do *habitat* residencial, considerando o conteúdo social, econômico e político, portanto, de uma localização relativa.

A investigação frente a condição espacial das crianças não se limitou a analisar “onde” elas moram, mas a como vivenciam os espaços cotidianos e como sua condição social e espacial condiciona e/ou reflete suas experiências urbanas. Tal condição expõe desigualdade e

diferenciação e, como investigamos, relacionam-se com distintos níveis de autonomia que se expressam na mobilidade, na capacidade de “ler” o espaço, de apreender percursos, o que se desdobra na maneira como habitam seu bairro de moradia, seus espaços de lazer e consumo. Sendo assim, a condição espacial, longe de um determinismo geográfico, expressa, tanto quanto, permite que o Sujeito tome consciência de si e de seu Espaço.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A nossa investigação em torno da experiência urbana se deu a partir do recorte da infância. A área do conhecimento intitulada como Geografia da Infância considera que a esta pode ser delimitada a partir de duas maneiras: por uma condição estrutural, definida pela idade; ou pelas ações e ocupações dos espaços (Lopes, 2013). Para lidar com essa categoria social, apoiamo-nos na conceituação analítica de infância caracterizada como um grupo social que atravessa as dimensões do espaço e do tempo ao produzir diversos arranjos culturais e simbólicos (Lopes, 2008) o que sobressai de um recorte etário.

Pesquisando crianças moradoras de diferentes espaços de Presidente Prudente-SP, os *habitats* populares correspondem habitações de interesse social como aos grandes e pequenos conjunto habitacionais; pequenos condomínios verticais populares. Já os *habitats* de classe média e elite correspondem aos grandes espaços residenciais fechados de médio e alto padrão; bairros tradicionais de médio e alto padrão. Santos (1981), metaforicamente, descreve que existiriam duas ou mais cidades dentro da cidade e isso se deveria à condição espacial dada pela condição socioeconômica dos sujeitos que habitam a cidade, dessa forma, a condição espacial poderia ser investigada a partir de uma diferenciação orientada por características do *habitat* e dos serviços de cada área, bem como, pelas trocas que diferentes frações de pessoas realizam no tecido urbano.

Frente as experiências urbanas das crianças, na vida que se constrói entre o sujeito e o espaço na sua cotidianidade, seja nas relações entre o eu e o outro, entre o eu e os adultos, desenvolve-se, segundo Lopes (2008) com a noção de interação produtiva. Para esse autor, tal interação se articula as trocas que orientam significados ao espaço múltiplo e repleto de possibilidades. Como já mencionamos anteriormente, concebemos infâncias no plural, e esse recorte abrange a pluralidade de mediações sociais que podem ser desenvolvidas no espaço,

diante da condição social e espacial das crianças investigadas e na maneira como elas lidam com os elementos do espaço em suas interações.

Entendemos, em nossa pesquisa, que a experiência urbana é um componente formador de subjetividades e cada sujeito representa uma síntese das escalas de um processo, no sentido de que as diferentes trajetórias e condições socioespaciais “cristalizam uma identidade pessoal” (Caiafa, 2002, p. 92). A subjetividade dos sujeitos, nesse sentido, configura-se em uma constante produção e, assim como o espaço, produzido por práticas espaciais (Souza, 2013), é preciso conceber os componentes formadores do espaço social que também são condicionantes daquilo que é subjetivo.

São erigidos, no bojo da amplificação da desigualdade social e da diferenciação socioespacial, mecanismos de controle socioespacial que partem ou que desembocam da constituição de territórios urbanos diferenciados socioeconomicamente (Dal Pozzo, 2015), segmentando a reprodução da vida pelo poder aquisitivo, expressado pelo uso e pela produção do espaço urbano contemporâneo (Stoian, 2019). Nossa leitura crítica desse possível quadro de diferenciação socioespacial toma as experiências urbanas de crianças como instrumento para desvelar sua intensidade.

Com essas ideias continuaremos desde o recorte analítico do cotidiano até as práticas espaciais das crianças, a avaliar como as experiências urbanas podem orientar valores em relação a cidade e as ensinarem a partir da cidade. As crianças, em suas experiências urbanas, também podem desenvolver seu processo de aprendizagem da realidade por meio da percepção em suas experiências cotidianamente vividas (Tuan, 1983). Nesse sentido, Carrano (2001) irá defender que as práticas sociais do cotidiano “compõem uma rede de possibilidades educacionais mais ou menos sistematizadas e experiências informais que estruturam o processo humano de formação” (p. 15). Essa rede de possibilidades, que podem vir a ser no espaço, configura-se, portanto, em descontínuos modos de aprendizagem (Carrano, 2001), à medida em que a aprendizagem não está apenas ligada aos espaços formais de educação, mas também a experiências do cotidiano.

O educador espanhol Bennett (1997) também aborda uma concepção que tira as instituições escolares como o único e exclusivo modo de aprender, desenvolvendo a ideia de cidade educadora. Para o autor a cidade é um recipiente de educação, onde a esta acontece na cidade em todos os seus espaços, através de experiências que podem ser positivas ou negativas, vivências que ocorrem em todos os lugares (Bennett, 1997). A cidade, nesse sentido, é uma

fonte que gera diretamente processos de educação e socialização e é isso que faz o meio urbano um agente informal de educação, sendo as experiências nas ruas situações que ensinam e educam. Nesse nosso entendimento, é nodal a orientação de que o espaço urbano é produto, condição e meio, conforme já definiu Carlos (2017).

Descrito o aporte teórico que fundamentou o processo de pesquisa, traremos a seguir o procedimento metodológico que realizamos desde: a. entrevista semiestruturada; b. elaboração de mapas mentais pelas crianças; c. reprodução dos percursos pela pesquisadora; d. reconstrução e representação cartográfica euclidiana do percurso.

Com relação as entrevistas tivemos como objetivo apreender as práticas espaciais e suas representações. Propusemos um roteiro de entrevista semiestruturada que abrangesse as percepções dos sujeitos escolares em torno: do bairro de moradia; relação com a vizinhança; dos percursos cotidianos; da mobilidade e acessibilidade urbanas; do lazer; do consumo; dos desejos e da relação com a escola. Completamos o roteiro com dados sobre a condição socioeconômica do respondente e o encerramento da entrevista.

A elaboração de mapas mentais pelas crianças foi feita ainda no momento da entrevista. Solicitamos aos entrevistados a produção de um mapa mental de um percurso cotidiano que fosse em comum a todas as crianças inqueridas na pesquisa, o percurso casa-escola. O objetivo era articular tal mapa em nossa leitura qualitativa de informações para investigar e apreender formas urbanas, práticas espaciais e representações espaciais.

Como parte do nosso processo de apropriação da reflexão construídas pelos dados das entrevistas e elaboração dos mapas mentais produzidos pelas crianças, foram realizadas as reproduções dos percursos casa-escola pela pesquisadora, com objetivo realizar um registro em diário de campo do que se observava e o que foi descrito em entrevistas desde registros de deslocamento, itinerário, tempo e paisagem urbana.

Complementarmente aos mapas mentais construídos pelas crianças, foram realizadas reconstruções cartográficas euclidianas dos elementos, pontos de referência e do percurso representados graficamente na elaboração das crianças. Vale destacar que esse procedimento de comparação entre os dados das entrevistas e mapas mentais, associados aos dados do diário de campo construído nas reproduções dos percursos, foi desenvolvido com o objetivo de sistematizar as distâncias, as áreas e os elementos representados pelas crianças, e tal processo permitiu que se inferisse uma apropriação da pesquisa, ou seja, foi importante para a pesquisadora no próprio entendimento e sentido da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

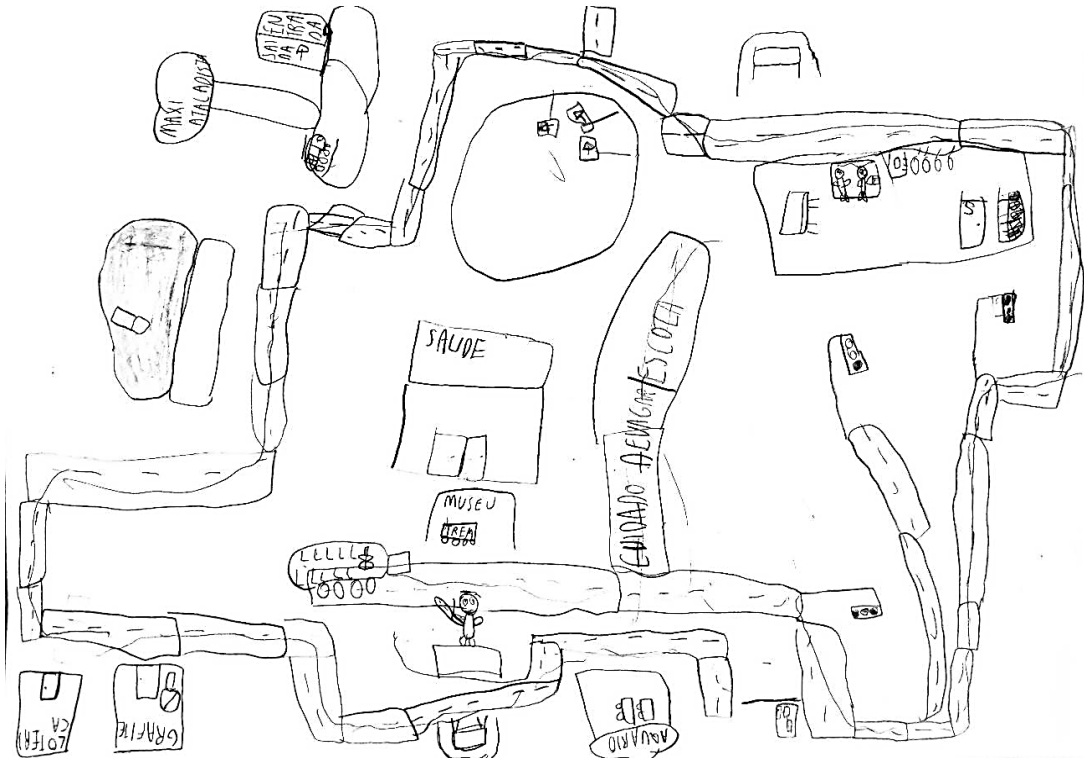
Investigando alguns recortes das experiências urbanas vividas pelas crianças moradoras de diferentes *habitats* de Presidente Prudente-SP, nos questionamos sobre a seguinte questão: Como as experiências urbanas podem construir valores em relação a cidade e as ensinarem a partir da cidade?

No percurso casa-escola, as crianças moradoras de *habitats* populares enfrentam de 28 minutos a mais de 1 hora para se deslocarem de suas residências até o destino da escola. Elas saem de suas casas, andam pelo bairro que moram até o ponto de ônibus, neste ponto elas encontram outras pessoas que também precisam pegar o mesmo tipo de transporte e ir para algum lugar. Com essa vivência as crianças conhecem pessoas, conversam, escutam conversas, ouvem músicas, leem, jogam, respondem mensagens em seu celular, observam a paisagem e marcam pontos de referência que indicam se a escola está perto ou não. Em seguida, chegam na escola, encontram amigos, estudam e logo vão enfrentar tudo de novo, o ponto, o percurso, as pessoas, até retornarem a suas casas. Para as crianças do gênero feminino, o caminho é um pouco mais preocupante, a rua é perigosa, e é preciso andar logo, de preferência, acompanhada.

O que queremos destacar nesse emaranhado de experiências que compõem o cotidiano de crianças estudantes que realizam seu percurso casa-escola de ônibus, são os vários trajetos dentro de um “único” percurso. Na Figura 1 temos o mapa mental desenhado pelo entrevistado Renato², seguida pela Figura 2, onde encontramos a reconstrução e representação cartográfica euclidiana de seu percurso, ilustrando a experiência de vários trajetos dentro do percurso casa-escola.

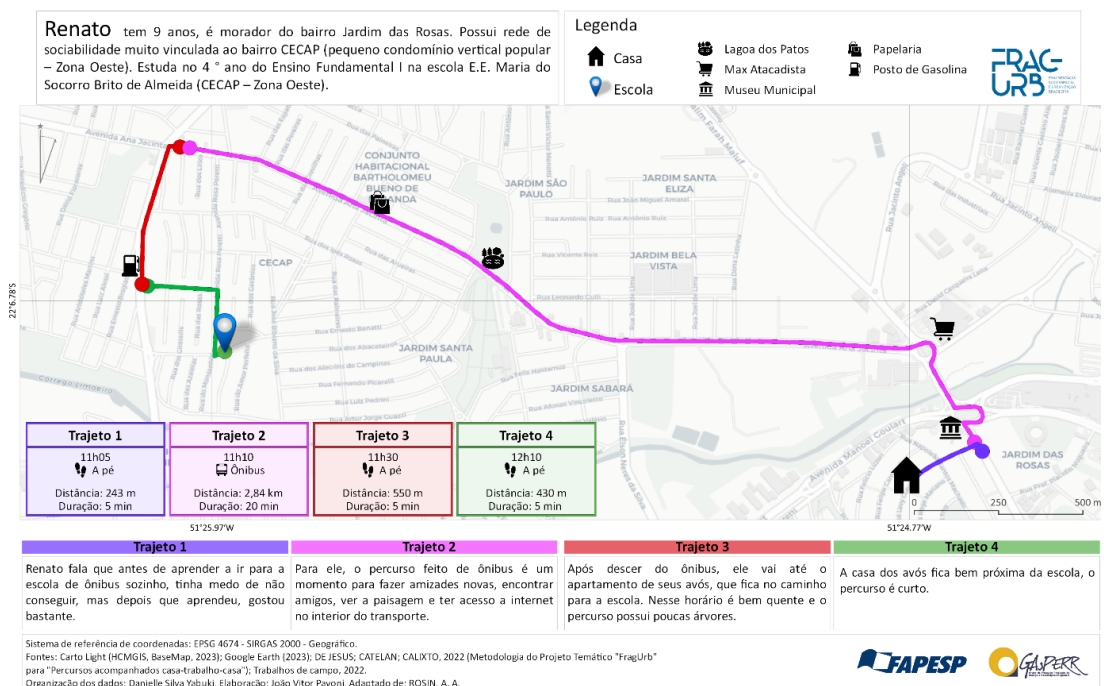
² Todos os nomes das crianças foram preservados, portanto, são fictícios.

Figura 1. Mapa mental produzido pelo entrevistado Renato – *Habitat popular*



Fonte. Figura elaborada em trabalho de campo da autora (2023).

Figura 2. Reconstrução e representação cartográfica euclidiana do percurso casa-escola do entrevistado Renato – *Habitat popular*

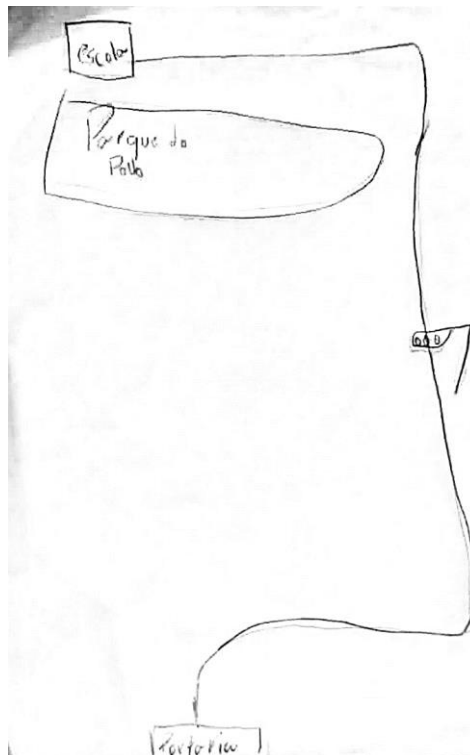


Fonte. Organizada pela autora (2023).

As crianças moradoras de *habitats* de classe média e elite vão para suas escolas com outras condições. Elas vão de carro, longe ou perto, chegam na escola entre 5 a 15 minutos após saírem de suas casas, e esse percurso leva um tempo que pode parecer pouco pela percepção de quem não o vive, mas para quem vive existe aquele semáforo que demora demais, “é horrível” (palavras de nosso entrevistado Giovane). Essas crianças acordam, saem de suas casas e vão direto para o carro, vivem as ruas pelo o que se vê de dentro do veículo, tem lugares que tem trânsito, “deve ser porque as pessoas estão indo trabalhar” (palavras de nossa entrevistada Lígia) e, assim, o pai ou a mãe deixam na porta da escola. Depois as crianças encontram seus amigos, estudam e logo seus pais os buscam na saída da escola, nos mesmos locais que na chegada, da mesma forma: do portão da escola para o carro, do carro para casa. Aqui, o gênero das crianças não muda as percepções, pois o percurso é sempre pelo leva e traz dos pais.

Na Figura 3 temos o mapa mental desenvolvido por Giovane, seguida pela Figura 4, onde encontramos a reconstrução e representação cartográfica euclidiana de seu percurso, ilustrando a experiência de um trajeto único dentro do percurso casa-escola.

Figura 3. Mapa mental produzido por Giovane– *Habitats* de classe média e elite



Fonte. Figura elaborada em trabalho de campo da autora (2023).

como espaço de lazer. Percebemos que brincadeiras que acontecem nas ruas não aparecem nos relatos das crianças do gênero feminino, demonstrando que a “escolha” de ficar em casa se dá pela “ausência de possibilidades”. O espaço “generificado”, dialeticamente, produz as concepções de gênero à medida que as imposições se transformam em uma ideia de preferência. Contudo, o espaço escolar para as meninas se mostrou mais fundamental que para os meninos, do ponto de vista da sociabilidade. O fato de as crianças do gênero feminino possuírem maiores tendências de ficarem em casa, contribui tanto para o confinamento de suas experiências coletivas, como para uma maior ligação ao uso de tecnologias para fugir do tédio e da ausência de seus pares.

Já sobre as crianças moradoras de *habitats* de classe média e elite, há aqueles que moram em espaços residenciais fechados e aqueles que moram em áreas tradicionais, centrais ou pericentrais. Durante a semana, quando chegam da escola, alguns jogam bola na quadra do condomínio que moram (espaço residencial fechado), outros ficam em casa jogando jogos online ou assistindo animes. Aqui aparece novamente a questão de gênero, visto que para Lígia, uma das crianças entrevistadas deste *habitat*, existe uma preocupação adicionada a semana: ajudar nos serviços domésticos de sua casa. Aos finais de semana as crianças deste *habitat* ficam em suas residências, ou em espaços de lazer que compõem o residencial fechado em que moram, vão para o *shopping center*, para a casa de algum amigo/familiar ou vão ao clube privado que são sócios.

Para as crianças moradoras dos *habitats* de classe média e elite, percebemos em seus relatos que a rua não é um componente tão importante na consolidação de suas atividades no tempo livre. Os moradores de espaços residenciais fechados possuem uma experiência cotidiana predominantemente apoiada aos espaços disponíveis no condomínio. Já sobre os moradores dos bairros tradicionais, percebemos que, por morarem em áreas predominantemente de atividades comerciais, a ausência de vizinhos e de possíveis pares impede uma maior apreensão do bairro e seu entorno.

Sob a perspectiva do consumo, quando as crianças de *habitats* populares precisam comprar alguma coisa, como roupa ou material escolar, seus pais sempre optam por leva-los no centro durante os finais de semana. Também percebemos famílias que preferem não ir até o centro da cidade, só vão quando realmente precisam. O *shopping center* para eles é pouco consumido, é visto como um espaço de lazer pautado no consumo e que quase não vão.

As crianças moradoras de *habitats* de classe média e elite quando querem ou precisam comprar algo, vão ao *shopping center*, centro principal ou demais grandes lojas espalhadas pela cidade, tudo depende do que se está procurando. Algumas crianças definitivamente não vão ao centro, pois a família busca outras opções. Notamos que algumas destas crianças frequentam o centro para comprar roupas, geralmente em lojas que são de conhecidos. O *shopping center* é considerado um importante local de consumo, mas é também um lugar frequentado por eles para a diversão, ir ao cinema, comer, ou ir em alguma atração itinerária sediada no espaço, como parques de diversão.

Após a apresentação das práticas espaciais das crianças, desde o percurso-casa escola e sociabilidade experienciada no tempo livre, é possível perceber que a maior autonomia para viver as ruas está associada a condição social e espacial das crianças moradoras de *habitats* populares e principalmente para aqueles do gênero masculino. Já a maior “autonomia” (e aqui a palavra ganha outro significado) para o consumo privado da cidade está mais associada as crianças moradoras de *habitats* de classe média e elite.

Observa-se experiências inversamente proporcionais. Para aqueles que sobram condições sociais e espaciais para consumirem os produtos da cidade faltam experiências nas ruas e, para aqueles que sobram vivências nas ruas, faltam condições para consumirem os produtos e espaços que desejam. O educador Bernett (1997), diante do paradoxo das experiências urbanas de sujeitos diferenciados pelas suas condições sociais e espaciais, nos aponta para algo semelhante:

Em suma, o paradoxo consiste no fato de que aqueles que têm mais oportunidades de elaborar educacionalmente suas experiências diretas da cidade são os que têm menos experiências diretas dela; por outro lado, aqueles que têm de vivenciar a cidade diretamente, aqueles que estão destinados a viver na rua, são os que têm menos oportunidades de elaborar educacionalmente sua experiência da cidade. Em outras palavras, aqueles que têm muitas ruas carecem de instituições educacionais e recursos de mediação cultural; e aqueles que têm muitos desses recursos carecem de ruas. (Bernett, 1997, p. 31-32, tradução nossa³)

A maior autonomia para a experiência na rua, em nossa pesquisa, está associada a um acesso desigual dos espaços desejados, mas tal experiência constrói um conhecimento informal

³ Do original: “Em resumen, la paradoja consiste en que quienes más facilidades tienen para elaborar educativamente sus experiencias directas de la ciudad, son quienes menos experiencias directas tienen de ella; por contra, quienes se encuentran abocados a experimentar directamente la ciudad, quienes se encuentran abocados a vivir en la calle, son los que menos oportunidades tienen de elaborar educativamente su experiencia ciudadana. Por decirlo de otra manera, a los que les sobra calle les faltan instituciones educativas y recursos de mediación cultural; y a los que les sobran éstos les falta calle” (Bernett, 1997, p. 31-32).

da cidade, um conhecimento sobre o meio urbano que só se aprende pela experiência na cidade (Bernett, 1997). Toda criança produz espacialidades à medida que faz parte de um conjunto de trajetórias e relações sociais e espaciais que ali são desenvolvidas. As crianças produzem o espaço a partir das possibilidades de espacialidades disponíveis a elas, desvelando uma Geografia de Infâncias, marcada por pluralidades.

Porém, as meninas que devem se preocupar com a violência que a cidade pode vir a ter, acumulam menos autonomia. No tempo livre, as meninas estão mais propensas a ficarem em casa, e assim, por uma questão de gênero, sua infância é mais confinada ao espaço familiar e ao ciberespaço, como estratégia de viver o lúdico dentro das suas possibilidades. Já os meninos possuem maior autonomia para viverem os espaços da rua com seus pares e pelas possibilidades que podem vir a ser. Percebe-se que a cidade para as meninas é mais perigosa e, portanto, com menos liberdade a elas.

Aqueles que vivem a cidade associada ao consumo e a ocupação de espaços privados, vivem a cidade a partir de rupturas, à medida que a privatização e o confinamento segmentam e compartimentam o espaço (Caiafa, 2002). Portanto, pouco vivem da cidade, confinam a infância à mercê de espaços privados e controlados que negam a própria condição da cidade como um espaço de ocupação coletiva a partir do uso dos espaços públicos. Essa condição coloca ainda mais enclaves na experiência cotidiana, excluindo a rua e condicionando valores cada vez mais individualistas, sem a colisão com o outro, sem a perspectiva de cidade como um local de encontro e como um local de todos.

Como apresentamos anteriormente, para os sujeitos de *habitats* populares, percebemos que a sua autonomia, que foi imposta, permite que se desenvolva um material educativo a partir da cidade. A própria autonomia impõe a percepção da cidade, dado o fato de que a criança precisa saber que está fora do alcance dos adultos, “é preciso se virar sozinha” e, essas crianças com determinada condição social e espacial, aprendem com o espaço vivendo no espaço, espacializando-se na cidade.

As outras crianças, que não possuem uma autonomia imposta, os sujeitos de *habitats* de classe média e elite, vivem a cidade a partir da dependência de seus pais e são mais espacializadas pelos adultos. Tal dependência foi escolhida e é um reflexo da condição social e espacial das crianças, dado que, em muitos momentos da nossa pesquisa, percebemos que a ausência de autonomia para viverem a cidade vem de um cenário de insegurança e violência,

que é associado ao espaço não controlado pelos pais, como a própria casa, ou pelo controle estabelecido em espaços privatizados, como o *shopping center* e o clube.

Da infância, sendo essa uma construção social e não somente uma fase da vida, devemos pensar sua condição de pluralidade. As crianças produzem espaços e, num esforço de análise, podemos compreender que esses sujeitos conformam e produzem espacialidades próprias, ainda que combinando as dimensões universais, particulares e singulares, quer seja, como em nosso caso diferenciadas por compor *habitats* populares e *habitats* de classe média e elite. No entanto, ainda sobre os relatos e considerações das experiências cotidianas que as crianças vivem da e na cidade, nos deparamos com outra questão: afinal, o que as crianças realmente gostariam de viverem da e na cidade?

Renato, 9 anos, morador do bairro Jardim das Rosas, com rede de sociabilidade muito vinculada ao bairro CECAP, pequeno condomínio vertical popular na zona oeste da cidade, nos traz em sua fala que gostaria de ir mais em exposições, mas percebemos que ele retrata um parque de diversão:

“Exposição. A minha mãe falou “oh Renato, vou te levar em uma exposição”. Aí eu falei “o que é exposição? “você vai descobrir”. Aí eu cheguei lá era um monte de coisa, carrinho de bate-bate, era maçã do amor (que eu não sabia o que era, achei que eu ia ficar apaixonada aí eu não quis maçã, né!? Porque eu não queria ser apaixonado), aí eu fui lá, eu tinha medo de carrinho bate-bate, aí eu não fui. Eu fui um lá de uma roda, eu fui em um negócio de surf lá, muito estranho. Tipo parquinho de diversão.”

Marcela, 11 anos, moradora do bairro João Domingos Netto, grande conjunto habitacional na zona norte da cidade, contou-nos que gostaria de sair mais para passear. Gostaria que existisse em Presidente Prudente-SP um metrô, pois tem vontade de andar pela cidade, além de achar que facilitaria a vida das pessoas. Marcela também nos conta que gostaria de viajar e conhecer a praia, pois nunca o fez:

“Sair para passear. Gostaria que tivesse metrô, eu tenho vontade de andar. Eu acho que facilitaria para alguns. [...] Nunca viajei na minha vida, gostaria de conhecer outros estados, não tem um específico, mas queria conhecer a praia, por exemplo.”

Laura, 15 anos, é moradora do bairro Jardim São Paulo, projeto habitacional posterior ao bairro Núcleo Bartholomeu Bueno de Miranda, grande conjunto habitacional na zona oeste da cidade. Ela nos conta que gostaria de passear mais, fazendo práticas que não costuma fazer:

“Passear mais. Ir no cinema. Ir nos parques que eu quase não vou, Parque do Povo, Cidade das Crianças, faz tempo que eu não vou.”

Vinícius, 15 anos, morador do bairro Residencial Bela Vista I, pequeno conjunto habitacional na zona norte da cidade, descreve que gostaria de sair mais para passear, pois não sai muito para além do entorno de seu bairro de moradia. Ele nos conta que gostaria de ir mais ao *shopping center*. Perguntamos se ele gostaria de ir (ao *shopping center*) para consumir algum produto, mas sua resposta foi que gostaria de ir e fazer igual ao que faz em seu bairro de moradia com seus amigos: ficar andando e conhecendo as novidades do espaço.

“Eu acho que ir no shopping, sair mais. Porque eu quase não saio, fico muito perto de casa, um dia ou outro que eu saio. [...] eu queria fazer igual eu faço aqui no bairro, ficar andando.”

Vinícius também contou que gostaria que existisse um parque de diversão na cidade:

“Ah, eu acho que um parque de diversão, porque aqui não tem, tipo uma montanha russa, eu nunca fui em uma montanha russa.”

Giovane, 13 anos, morador do condomínio Residencial Damha III, grandes espaços residenciais fechados de médio e alto padrão na zona sul da cidade, contou que gostaria de sair mais com seus amigos, para fora do condomínio e que, gostaria de existisse um restaurante específico que conheceu em viagens:

“Um Outback. Eu já fui em Piracicaba, em São Paulo e também fui algumas vezes em Orlando e Nova York também.”

A entrevista com Giovane foi feita em agosto de 2022, atualmente, existe um restaurante *Outback* em funcionamento em Presidente Prudente-SP, localizado dentro do maior *shopping center* da cidade.

Lígia, 14 anos, moradora do condomínio Residencial Portinari, grandes espaços residenciais fechados de médio e alto padrão na zona oeste da cidade, contou que gostaria de sair mais e menciona que gostaria de ir ao Parque do Povo sem a dependência de sua família levá-la. Ela também descreve que gostaria que existisse um parque de diversão na cidade.

“Acho que caminhar no Parque do Povo, acho que lá é bem gostoso, gostaria de fazer mais. O Parque do Povo fica uns 10 minutos de carro, mas não tem como eu ir sozinha, eu vou mais com a minha família. [...] Acho que devia ter um aqui, um parque de diversão, tipo um HOPI HARI”.

Renan, 13 anos, morador do Vila Santa Helena, bairros tradicionais abertos de médio e alto padrão na zona pericentral da cidade, descreveu que gostaria de caminhar mais pelas ruas.

“Caminhada, andar pela cidade. Assim, por mais que Prudente não seja uma cidade, olha que cidade linda, eu acho bonita. Eu caminho vendo. Eu gosto também de ver o pôr do sol, é que lá na casa da minha mãe tem uma sacadinha assim, e lava roupa ali e tem a sacada ali, aí vire e mexe eu sento ali e fico vendo.”

Antônio, 12 anos, morador do Centro, bairro tradicional aberto de médio e alto padrão, descreveu que gostaria de passear, ir mais a sorveteria. Revela que gostaria que existisse espaços de lazer e consumo que frequenta em Presidente Prudente-SP, cidade que mora, na cidade de seu pai, que fica em Dracena-SP.

“Só em outra cidade que eu queria te tivesse uma coisa. Tem shopping, tem tudo na real aqui. [...] lá (Dracena-SP) é pequeno. Lá não tem shopping, não BK (Burger King-restaurant Fast Food), não tem Mc. (McDonald's – Fast Food), não tem bastante coisa daqui.”

Observando o que foi dito, um ponto destacável é que as crianças gostariam de sair mais, ter autonomia para conhecer lugares, divertir-se em espaços de lazer. Alguns falam sobre um lazer ligado ao consumo, ao acesso ao *shopping center*, parques de diversão, restaurantes, viagens... outros descrevem o Parque do Povo, Cidade das Crianças, espaços públicos de lazer de Presidente Prudente-SP. No geral, todas as crianças desejam o lazer e uma maior autonomia em poder acessar espaços.

E assim, percebemos que o que une as crianças entrevistadas mesmo em sua pluralidade é a própria condição da infância, à medida que almejam ao mesmo desejo, autonomia e acesso para produzirem suas espacialidades. Uma autonomia para viverem o espaço pelas suas decisões, com liberdade para viverem a cidade com seus pares, e com acesso, para acessarem os espaços de desejo, os espaços privados, os espaços públicos e a própria rua.

Esta questão também anuncia o desejo de uma cidade que as crianças não querem viver, uma cidade isolada, violenta e com valores individualistas. Este desejo está ligado a sociabilidade vivida no tempo livre, aquela que possibilita a maior experimentação de si próprio, considerando o caráter de decisão daquilo que se vive a partir das escolhas, em um momento de autonomia que dificilmente se encontra em outros contextos da vida social, tais como os escolares e os familiares (Carrano, 2003). Portanto, as crianças querem viver da cidade o lúdico, os amigos e tudo aquilo que irá constituir suas identidades a partir do convívio social longe do controle dos adultos.

4. CONCLUSÃO

As crianças por sua categoria social, possuem uma dependência da figura familiar para viverem a cidade. A permissão para ir aos espaços, o acompanhamento e o leva e traz na cidade conduzem as crianças a viverem em um espaço condicionado por adultos. Mas, apesar disso, a relação que tais crianças estabelecem a partir do que foi posto pelo mundo dos adultos, em sua interação com o espaço, configura-se como a sua própria espacialização que desenvolve relações com seu espaço vivido e com os sujeitos que os compõem.

Fechamos este artigo demonstrando a pluralidade que compõe a Geografia das Infâncias, baseada em uma pesquisa que se propôs a investigar o espaço a partir de uma análise de prática empírica cotejada ao entendimento de lógicas de produção da cidade. Nesta investigação, a partir de diferentes crianças desigualmente posicionadas na cidade, pelo recorte das

experiências urbanas percebemos como a construção de autonomia está vinculada as condições sociais e espaciais das crianças. Nesse sentido a rua, como um espaço de possibilidades e do desconhecido, desde o percurso casa-escola, bairro de moradia, espaços de lazer e de desejo, aparece como um importante componente para a construção dos valores e ensinamentos em relação a cidade, aos outros e no encontro com os pares.

Desenvolvemos como contribuição à nossa hipótese de investigação um caminho para articular as experiências urbanas às lógicas hegemônicas de produção da cidade, o que nesta pesquisa se desenvolveram de forma mais descritiva e, que para pesquisas futuras, podem ser aprofundadas analiticamente de acordo com a Geografia das Infâncias. Esses e outros aprofundamentos compõem o que pretendemos responder a partir da tese que está em andamento.

5. REFERÊNCIAS

BERNETT, Jaume Trilla. Ciudades Educadoras: Bases Conceptuales. In: ZAINKO, Maria Almeida Sabbag (org.); SCHWARTZ, Avi *et al.* **Cidades Educadoras**. Curitiba: Ed da UFPR, 1997, p. 13-34.

CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença das cidades. **Lugar comum**, v. 18, p. 91-102, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2017. DOI: Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/388 . Acesso em 31 julho. 2024.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Jovens na cidade. Rio de Janeiro: **Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade**, n. 1, 2001.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e Cidades Educadoras**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. Fragmentação socioespacial: Práticas espaciais do consumo segmentado em Ribeirão Preto e Presidente Prudente. **Revista da ANPEGE**, v. 11, n. 16, p. 279-324, 2015.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Revista de Educação Pública**, v. 22, n. 49, p. 283-294, 2013.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Revista Contexto & Educação**, v. 23, n. 79, p. 65-82, 2008.

SANTOS, Milton. **Manual de geografia urbana**. São Paulo: HUCITEC: 1981.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

STOIAN, Victor Chirillo de Oliveira. Relações escalares na fragmentação socioespacial: fenômeno, análise e ação. **XIII ENANPEGE**, 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.